

O destino no espelho

Neste livro, sem abrir mão da constatação que vivemos num período de grandes mudanças, os autores mostram que a responsabilidade pela própria vida e pelo próprio destino tem um outro nome: individualização.

por Pedro Fernando Bendassolli USP



Individualization
Ulrich Beck e Elisabeth
Beck-Gernsheim
Sage

Hoje em dia é comum ouvirmos opiniões de que estamos vivendo em uma época de exagerado individualismo. O individualista é visto como quem se preocupa pouco com os outros; seus interesses giram todos em função de si mesmo, de seu sucesso e bem-estar pessoal. Há ainda alguns conceitos que acompanham essa visão sobre o individualismo, que são “egoísmo” e “narcisismo”. O individualista seria alguém que, teoricamente, se perderia em sua própria imagem.

O livro de Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim, *Individualization*, recentemente publicado pela Sage, de Londres, cuja tradução em português deve ser lançada ainda este ano pela editora DPA, introduz uma diferenciação importante entre o individualismo, normalmente visto de forma negativa (como sinônimo de egoísmo, narcisismo ou obsessão pelo sucesso econômico individual), e a individualização, termo que reflete uma época em que as características de sociedades altamente complexas forçam os indivíduos a assumirem seus próprios destinos e a contarem apenas consigo para a construção de suas histórias de vida, tendo de conviver com a incerteza e o risco.

Ulrich Beck, muito conhecido por sua teoria sobre o risco na vida das grandes sociedades modernas, é professor de Sociolo-

gia em Munich, Londres. Seus trabalhos surtiram efeito mundo afora por tocar em pontos cruciais da forma como as pessoas estão organizando suas vidas em uma época de intensa globalização e de enfraquecimento da tradição. Neste livro, Beck e Beck-Gernsheim investigam as mudanças que ocorreram no vínculo do indivíduo com seu emprego, com sua família, seus filhos, esposa ou esposo, com as novas formas de liberdade existentes, com o tempo e com o espaço.

A grande particularidade de nossa época, afirmam os autores, é que ninguém mais vive a vida por nós, exceto nós mesmos. Se há tempos atrás éramos aprisionados por grandes mitos e valores, geralmente dados por instituições como a igreja e a “grande empresa”, hoje estamos diante do peso de termos de gerenciar nosso destino e nosso projeto de vida sem a interferência de nenhuma força externa, a não ser a nossa própria força. Esse tipo de situação gera um “desamparo” nas pessoas, pois suas vidas não podem mais ser inscritas na vida de outros. É uma nova fase do capitalismo, marcado pelo rompimento dos últimos vestígios de estabilidade fornecidos pelas diversas instituições sociais. Mas é uma nova fase que atinge a todos, sem exceção, até o nível mais microscópico da vida subjetiva.

Escolhemos hoje a biografia que desejamos construir. Claro que essa individualização da história de vida traz-nos grandes desafios e dificuldades. Por exemplo: se antes podíamos confiar na instituição casamento, por haver um contrato que não dependia tanto dos sentimentos dos envolvidos (basta lembrar da situação da mulher em épocas passadas), hoje se está diante de um parceiro que tem tanta liberdade e vontade quanto o outro. Não há mais possibilidade de um relacionamento afetivo ser baseado em uma “instância externa” (a igreja, o contrato jurídico do casamento, a tradição, a honra). Pelo contrário, em um momento em que cada um vive uma vida diferenciada, cada um tem direitos iguais. O casamento, ou a união de duas pessoas, torna-se uma árdua tarefa de encontros e desencontros, de negociações e conflitos, e sua manutenção depende de muito esforço e de muita persistência. Construir uma “história” individual no casamento é uma tarefa que só depende dos respectivos pares.

O mesmo vale para o trabalho. Da mesma forma que o casamento, o trabalho não é mais um porto seguro. Torna-se cada vez mais difícil para uma pessoa fazer uma carreira linear, na mesma empresa, com a mesma rotina. Pelo contrário: isso está se tornando cada vez mais raro – e pejorativo. Agora, carreira é uma via tortuosa que admite diversos desvios de curso, diversas perspectivas paralelas ou mesmo contraditórias. Não é mais uma estrada que se percorre sempre na mesma direção.

O que Beck e Beck-Gernsheim dizem é que o trabalho se tornou uma forma de individualização, ou seja, uma forma que permite com que as pessoas desenvolvam um projeto de vida singular, independente de empresas ou empregos, mas dependente somente dos desejos e vontades do su-

jeito que pensa sua vida como uma obra inacabada, que lhe dá um sentido e uma rota, e que luta ferozmente para se manter nessa rota ou para reformulá-la.

No trabalho, como no restante da vida, o que então predomina é a incerteza. Com ela, toda tomada de decisão passa a conter uma dose considerável de risco, e ninguém mais consegue saber se está tomando a “decisão certa”. A individualização que existe hoje na sociedade faz com que todos assumam o risco pelo próprio destino e pela identidade que desejam possuir.

A interessante tese dos autores é que a individualização se baseia em uma outra ética que não a ética tradicional (obedecer, cumprir, acatar): ela é baseada no princípio do “dever consigo próprio”. Isso, afirmam eles, não deve ser visto como egoísmo nem individualismo, mas como uma transformação dos vínculos do indivíduo consigo mesmo e com a sociedade. Há, na individualização, um foco na auto-iluminação e na autolibertação como um processo ativo a ser realizado por cada um, incluindo a busca por novos laços na família, no mercado e na política. O indivíduo, nesse sentido ativo, reinventa a sociedade e sua própria vida.

Pedro Fernando Bendassolli
Prof. de Psicologia da Universidade Paulista
Doutorando em Psicologia na USP
E-mail: pedrofernando@terra.com.br

“A individualização que existe hoje na sociedade faz com que todos assumam o risco pelo próprio destino e pela identidade que desejam possuir.”